

Professora

Darcira Motta Monteiro

Diretora do Departamento de
Pessoal

Projeto memórias-UFF

Professora Darcira Motta

Eu sou Darcira Motta Monteiro, nascida em Magé, estado do Rio de Janeiro; onde eu nasci, me criei, cheguei até a adolescência e me casei. Tive uma vida bastante difícil, porque era filho de pais operários e batalhei muito porque meu sonho era ser professora. Fiz o curso primário numa escola pública em Magé, em Santo Aleixo, segundo distrito de Magé.

Depois que me casei eu fui embora de Magé, fiquei alguns anos fora, em Bom Jesus de Itabapoana, onde nasceram meus filhos. Retornei a Magé e nesse momento Magé já contava com a primeira escola de segundo grau, curso normal, com o ginásio e o curso normal. Entrei então para esse curso ginásial, fiz o curso ginásial e o curso normal. Me formei professora, e como professora fiz o concurso pro Estado e me tornei professora Estadual primária.

Trabalhei em escolas de pescadores, escola rural, ensino supletivo e o grupo escolar. Depois fiz o exame de suficiência em 1959, quando o MEC estava fazendo esses cursos para o país inteiro, para cidades que não dispunham de professores de faculdade, professores com faculdade. Então eles faziam uns cursos intensivos. Esse curso aqui no Estado do Rio foi feito pela fundação Getúlio Vargas em Nova Friburgo, e eu fiz esse curso e obtive então o meu registro para ser professora do ginásio e do curso normal. E voltei a ser professora do mesmo colégio aonde eu estudei. Dando aula pro curso ginásial e depois pro curso normal.

Posteriormente... fiz ingresso para o Estado na época do governador Roberto Silveira, e fui classificada e na escolha escolhi Magé para trabalhar. Bem, em Magé fiquei então trabalhando até 1962, quando me desperta a necessidade de fazer uma faculdade. E morando mesmo em Magé com três filhos, já a essa altura com três filhos, vim para fazer a faculdade de serviço social da Universidade Federal Fluminense; foi esse o meu primeiro encontro com a universidade Federal Fluminense, uma instituição que, sem eu nem perceber, ela entraria na minha vida e a ela eu devo muito. Devo muito a esta instituição que me fez crescer e me tornou assim uma cidadã mais participativa dos problemas do nosso país. Então esse foi o meu primeiro encontro com a Universidade Federal Fluminense.

O meu segundo encontro foi em 1971 quando o professor José Francisco Borges de Campos; a essa altura eu já tinha feito um concurso para o Liceu Nilo Peçanha, e estava como professora no Liceu Nilo Peçanha e trabalhando como voluntária no ginásio da campanha nacional de educandário... de ... gratuitos. Participando com parcerias de pessoas maravilhosas como professor... Doutor Valdenir de Bragança, que foi meu professor na faculdade, com a Eva Milla Miranda Sá, e outras pessoas que trabalhavam ali no Vila Ipiranga; naquela comunidade de Vila Ipiranga. Ali eu comecei a trabalhar também como professora, dando aula no próprio grupo escolar de Vila Ipiranga e depois com Dr. Valdenir de Bragança, Eva Milla e outros muitos professores que lá estavam e outros colaboradores; nós organizamos o ginásio e um curso de contabilidade para o pessoal da comunidade, já a essa altura eu já era formada em serviço social. Mas nesse primeiro encontro eu queria destacar como aluna da Universidade. Nesse primeiro encontro com a Universidade. Antes de falar do segundo encontro com a Universidade. Nesse primeiro encontro eu entrei para a universidade em 1962, fiz vestibular em 1962, e o meu curso foi até 1965. Então a década já diz tudo. Foi uma época muito turbulenta, um trabalho... e muito... de muito... de conflitos políticos na época né? Porque foi exatamente na época em que houve a questão da ditadura militar. E a nossa escola era uma escola muito visada, porque a escola de serviço social era muito visada, várias vezes o nosso diretório sofreu intervenções, a nossa própria diretora que nos recebeu quando nós entramos, essa turma, ela era nossa diretora, a professora Violeta Campo Fiorito Saldanha da Gama, ela

foi demitida logo depois, foi demitida, entrou então uma outra professora Nilda de Oliveira Ney, por exclusão, porque quase ninguém queria assumir a direção, e a professora Nilda, colaboradora da professora Violeta Campo Fiorito, ela assumiu o cargo de direção. Mas tivemos excelentes professores, era uma turma muito unida, uma turma muito forte; usando os termos que os nossos professores falavam: "era uma turma muito forte, muito participativa", então nós conseguimos terminar o nosso curso e quando terminamos o nosso curso logo a seguir o Estado da Guanabara, a essa época ainda tinha o Estado da Guanabara, abriu concurso para assistente social e a Universidade Federal Fluminense contou nesse concurso com grande número de alunas de serviço social aprovadas nesse concurso. Então a gente já percebia o resultado. Foi um concurso muito grande, um concurso difícil e foi acho... se eu não me engano, se não me falha a memória, eu acho que era Governador o Carlos Lacerda, então nessa época entrou um grande número de formandas pela escola de serviço social da Universidade, entrou como assistente social no Estado da Guanabara. E eu estava nessa situação como assistente social do Estado da Guanabara e como professora no Liceu Nilo Peçanha, quando fui convidada em 1971, pelo professor José Francisco Borges de Campos, que a essa altura era o chefe de gabinete do reitor Jorge Manoel, para que eu fosse colaborar na área administrativa da Universidade. E eu vim, como tinha dois cargos públicos, não podia ter uma vinculação com a Universidade, eu... e naquela época existia o decreto-lei 200 que permitia a contratação temporária, e eu fui então contratada como um técnico administrativo colaborador e trabalhei. Com isso me deu uma visão muito boa. Porque além da parceria, de ter como... um mestre como o professor José Francisco, eu pude trabalhar num setor que era o departamento de administração geral do qual ele era também o diretor; uma visão geral da Universidade em termos administrativos. Quando foi em 1975, fui secretária, a primeira secretária da comissão da Universidade, comissão de contratação da Universidade, que tinha como presidente o professor Chevitareze, ele era da área da odontologia, e ela diretora do serviço social, desculpe, do departamento de pessoal da Universidade, uma senhora que veio do INPS, aposentada do INPS, mas que tinha uma experiência muito grande na área de recursos humanos, ela também me ajudou muito, me orientou muito nesse sentido, eu trabalhava na área da contratação em parceria com o Departamento de Pessoal. Mas a minha vinculação era com o departamento de administração geral. Naquela época não existia pró-reitorias né? Eram departamentos e haviam umas assessorias que tratavam da área administrativa e também tratava... que era o caso do professor José Francisco, que colaborava nessas assessorias mas não havia pró-reitoria; terminado esse período, eu já estava já sabendo que o meu contrato já estava terminando, porque no máximo era de quatro anos, eu já me preparava retornar ao Liceu Nilo Peçanha, quando a Universidade nesse momento, com a questão do incremento de matrícula, que era um movimento enorme dos alunos solicitando mais vagas nas Universidades, o governo resolveu abrir seleção, contratação de professores. Nessa época o regime jurídico das pessoas era estatutário, mas já havia em 1975 um decreto de que poderia ser contra ... a partir daí seriam todos contratados em regime da CLT.

Então, eu fiz o processo seletivo para professora, auxiliar de ensino da escola de serviço social, e lá iniciei então a minha nova experiência de professora já no ensino superior. Logo a seguir sai o professor Jorge Manoel, entra o professor, como reitor, o professor Geraldo Sebastião Cardoso que foi ser o reitor. Nesse momento ele estava com muita dificuldade porque tinha que ser implantado um plano de classificação de cargos na universidade, tanto pra docente como pra técnico administrativo, plano esse que já es... quase todas as Universidades já tinham implantado, menos a Universidade Federal Fluminense e mais umas duas, e eles insistiam muito que fosse rapidamente implantado esse plano de carreira, que foi a nova regulamentação que precisava ser aplicada; foi a Lei 5.645, e o professor buscava um diretor para poder fazer esse trabalho, o professor Geraldo não ... estava tentando resolver a situação assim, imediata, pra resolver o problema de pessoal. E nesse momento ele me convida pra ser diretora do departamento de administração de pessoal, porque a dona Wanda havia se

acidentado e licenciado, eu entrei então como substituta da diretora até que ela melhorasse e voltasse. E entrei de cabeça naquilo ali, mas para entrar no cargo e comissão eu tive que me afastar do cargo de assistente social do Estado da Guanabara, porque eu não podia ficar com as três atividades. E aí começou então esse segundo momento da minha vida dentro da Universidade como professora do ensino superior e ao mesmo tempo encarregada de um departamento tão importante dentro de uma organização que era o Departamento de Pessoal. Porque as organizações são formadas por pessoas e realmente isso era uma grande importância. Ao mesmo tempo, ser professor... do Departamento de Pessoal de uma Universidade onde o produto dela também trabalhava o professor, a pessoa humana, que eram os alunos. Então nós nos preocupamos muito com isso e procuramos nos aperfeiçoar cada vez mais, estudar cada vez mais e me dedicar mesmo a Universidade. Então foi um trabalho como diretora do Departamento de Pessoal. Eu fiquei durante, na verdade, como professora da UFF, diretora do Departamento Pessoal, assessora de recursos humanos, diretora do DDEH, eu fiquei nesse trabalho de direção trinta e um anos, eu trabalhei dentro da Universidade até me aposentar; mesmo depois de aposentada ainda retornei como diretora do departamento de desenvolvimento de recursos humanos recentemente em 2006. Então eu tenho muito o que agradecer a Universidade, ela me proporcionou muito trabalho mas me proporcionou também muitos benefícios, muitas gratificações pessoais de crescimento, de aprendizagem com toda comunidade. Foi muito bom. Com toda comunidade universitária. Foi muito bom isso. Então essa é a minha apresentação, meus dados pessoais. Hoje eu já sou aposentada, professora aposentada da Universidade e muito feliz em estar contribuindo agora para a Associação dos Professores Inativos da Universidade, que eu não diria inativo, porque todo mundo aqui é muito ativo né? Então estar agora nesse momento contribuindo voluntariamente pela nossa associação a ASPI-UFF. Então esses são os meus dados pessoais.

Agora falar um pouco da instituição que eu tanto trabalhei e que tem ... que ... até hoje tanto amo, eu gostaria então de dizer o seguinte; no processo de consolidação da Universidade eu percebi e apesar de ter chegado em 1971, com toda a minha... conhecimento, pesquisa em documentos e tudo mais, eu percebi que não houve um projeto acadêmico institucional na sua consolidação, ela... a Universidade ela foi se brotando, crescendo e se estruturando automaticamente e após 1964 cumprindo toda uma legislação que veio do Governo Federal. Então ela foi constituída pela incorporação de várias unidades, cinco faculdades Federais, que foram a medicina, farmácia, odontologia e veterinária; mais três Estaduais que foram serviço social, de enfermagem e de engenharia e duas particulares que foi a filosofia e ciências sociais.

Em 1960, quando ela foi criada, ela começou a ter os decretos agregando, federalizando, agregando as Federais e federalizando as que vieram como Estaduais e como particulares. E com isso ela se estruturou, mas se estruturou dispersa da cidade de Niterói com várias unidades espalhadas, com unidades assim, vamos dizer, com muita, com muito, com muita resistência, muito fortalecimento grupal né? De grupos de medicina, de engenharia, filosofia, farmácia, então houve nesse momento de consolidação muita turbulência, muitos conflitos, muita discussão, mas todos com um objetivo comum pela formação da sua Universidade né? Pela constituição da sua Universidade. Para ainda, complicar um pouco mais a consolidação da Universidade, o movimento político. Das perseguições, das exigências, muito professor foi exilado, muita gente... eu que trabalhei ... comecei a trabalhar no Departamento de Pessoal depois, mas comecei a perceber que muita gente sofreu com todo aquele movimento, apesar de estar trabalhando dentro de uma Universidade e alunos também né? Muitos alunos também sofreram com isso. E aí eu percebi que a Universidade ela além da sua precariedade física, ela teve todo, todas as carências e toda essa turbulência política para se consolidar.

De 1965 até 19... isso até 1965, eu só cheguei em 70, mas mais ou menos de 1965 a 1970, houve um processo de modernização, que começou a se trabalhar a estrutura administrativa,

tinha que ser feito o estatuto, chegou a reforma universitária em 1968, com a Lei 5.540. Então era reitor o professor Manoel Barreto Neto e a gente teve conhecimento que o professor Barreto Neto tinha uma outra... uma outra... como é... outra mentalidade, uma outra maneira de gerenciar uma Universidade. Mas ele foi tendo que aceitar tudo aquilo que vinha do Governo Federal porque estava sob... a Universidade estava assim... amarrada a essas determinações essas normas esses regulamentos. O regime jurídico do pessoal era o regime do estatutário, o regime jurídico da Lei 1.711. Só em 1975 é que começaram a ser contratados o pessoal em regime da CLT. Quer dizer, quando a Universidade começou a se compor ela trabalhava com pessoal vindo com essas unidades dispersas; tanto ela e o patrimônio delas, foi isso que consolidou a Universidade. Ela e o patrimônio delas e as outras pessoas que vinham chegando, eu mesmo tive a oportunidade até de vir nessa época logo depois que me formei que uma professora da escola, uma professora antiga da escola, nos convidou pra vir trabalhar na escola, mas nesse momento eu já estava comprometida na Guanabara, trabalhando na Guanabara. Mal imaginava isso, que eu viria alguns anos mais tarde vir para Universidade Federal Fluminense não; de novo como profissional.

O Decreto-Lei 200 de 1967, observe a data, 1967, pelo decreto-lei, havia uma proposta da reestruturação administrativa de todas as Universidades, todo o serviço público federal. Foi o decreto que criou o DASP (departamento administrativo do serviço público), o DASP foi o órgão centralizador que trouxe pra ele todas as decisões; quer dizer, a Universidade não tinha uma autonomia plena, principalmente na área administrativa, de se definir; era o orçamento todo controlado, era seleção de pessoal todo administrado por lá, concursos públicos, tudo era através do próprio DASP que exigia toda essa situação. Como o Ato Institucional nº 5 de 1968 também, que foi o decreto 797 de agosto 1969, esse aí disciplinava tudo dentro do que ia ocorrer dentro da Universidade; quais os documentos que um servidor da Universidade tinha que apresentar, ser classificado e aproveitado, admitido pela seleção feita pelo DASP.

Em 1970 o governo cria um sistema integrado de pessoal civil, chamado de CIPEC, até hoje ainda existe o CIPEC, o SIAP (sistema integrado de administração de pessoal) hoje é um componente do CIPEC. Ainda hoje a área de recursos humanos da Universidade ainda está bastante centralizado com muito pouca autonomia, muito pouca.

Na área acadêmica o que eu poderia falar? Apesar de ter tido pouco tempo na área acadêmica, eu dei algumas aulas, uns três anos... quatro anos dei aula; fui coordenadora de estágio, fui sub-chefe de departamento. Foi uma convivência muito boa com o grupo da escola de serviço social. Me ajudaram muito também, me deram bastante... me renovaram nas novas escolas de sociologia, de filosofia, que eu naturalmente já estava mais ou menos afastada; quer dizer, foi enriquecedor para mim.

Em 1968 com a reforma Universitária e a Lei 5.540, a Lei 5.540 ela cria as autarquias e fundações. Essa Lei 5.540 acaba com a cátedra que existia até então era catedrático. Pelo Decreto-Lei 464 de 1969 termina a cátedra e a própria 5.540 foi que fez a divisão da Universidade da área acadêmica em departamentos. Até então eram unidades. E as unidades eram muito fortes e tinham muita ingerência na parte do conselho universitário. Mas a 5.540 ela trouxe essa descentralização dando força aos departamentos, colocando o departamento como uma unidade, a unidade mínima de dentro de uma estrutura organizacional. Então esses departamentos passaram a ter representatividade dentro dos conselhos superiores da Universidade. Nesse momento houve também uma modificação para alunos que depois esses Decretos-Leis foram modificados após 1970, 1978, foram modificados; o 465 também mexeu muito com a parte de alunos. Naquela época em que eu estudava era seriado, quer dizer, o crédito veio... o sistema de crédito veio depois né? Em mil novecentos... tinha um plano do Governo Federal chamado plano nacional de desenvolvimento que todas as instituições vinculadas ao sistema Federal, eles tinham que fazer planejamento. Surgiu aí a figura do

planejamento né? Esse plano nacional de desenvolvimento ele exigia que as Universidades tivessem esse plano diretor né? E foi quando foi sido exigido também o novo estatuto para a Universidade Federal Fluminense. O estatuto... já existia o estatuto do magistério, o primeiro estatuto do magistério que foi a Lei ... todo mundo falava, 4881 né? 4.881 de 1965 e a Lei 5.539 que veio mudar um pouco a Lei 5.540, veio mudar um pouco a Lei 5.539. veio o estatuto da UFF que foi modificado em 1974 e depois teve umas alterações em 1983 e em 1988. Por que essas mudanças no estatuto? Não só pela área acadêmica, porque a organização ela... a organização, a instituição é formada por uma organização dinâmica ela não pode parar né? Então ela em sempre alterações. E essas alterações ora eram criadas pela própria instituição, pela própria Universidade, ora ela é criada pelo próprio Governo Federal. E ela tinha que se adequar a essas normas emanadas do Governo Federal.

Em 1987 nós tivemos aqui o que todo mundo chama de PUCRECE (plano único de classificação e retribuição de cargos e empregos) das Universidades, foi exatamente a Lei 5.976, nesse momento as Universidades passaram a ter mais autonomia, porque se antes só existia Universidades e Fundações, antes as Universidades eram sem nenhuma autonomia e as Fundações tinham autonomia; eram Fundações Federais mas tinham autonomia. Com essa Lei 5.796 de 1987 as Universidades passaram a ter mais autonomia e o governo passou a dar às Universidades e as Fundações o mesmo tratamento, então hoje não existe distinção de tratamento entre Fundações Universitárias e nem Universidades, ficaram todas com o mesmo tratamento junto ao Governo Federal. A nova Lei de diretrizes e bases também veio, a Lei de 1996 do Darcy Ribeiro né? A 9.394 veio também trazer algumas... algumas condições de maior autonomia. Então a Universidade a partir do PUCRECE passou a ter mais condição de discutir de... coisas que estavam assim as vezes muito sufocadas né? A partir de 1987 as Universidades... os sindicatos foram estruturados e a Universidade então passou a se desenvolver. Nós acompanhamos então esses reitores durante todo esse período; eu tive o prazer e a satisfação de passar, comecei com o professor Jorge Emanuel, conheci o professor Emanuel Barreto Neto, que nessa época ele tinha... não sei se ele era o vice ou se ele estava... eu sei que ele tinha bastante trânsito dentro da Universidade e trabalhava muito com parcerias com o professor Jorge Manoel, com a experiência que ele tinha. Depois veio o professor Geraldo Sebastião Tavares Cardoso, depois o professor Rogério Benevento, depois o José Raimundo Martins Romeu, depois o professor Edilberto Ramos Cavalcante de Albuquerque Junior; novamente volta o professor José Raimundo Martins Romeu, de 90 a 94, mas o professor José Raimundo em novembro de 94 se afastar porque foi ser candidato na política, deputado. Entrou professor Manoel Pereira Leite de Almeida que como vice assumiu; depois veio o professor Luiz Pedro Antunes, depois veio o professor Cícero Mauro Fialho Rodrigues com dois mandatos também e finalmente, hoje o professor Roberto de Souza Sales, que nesse momento então nós tivemos a oportunidade de trabalhar com Jorge Emanuel, Geraldo, Rogério, José Raimundo; depois com o Edilberto eu fui pra sala de aula, porque ele botou outra pessoa na de Recursos Humanos, o José Raimundo de novo me trouxe, o professor Manoel Pereira Leite e o Luiz Pedro Antunes; com Luiz Pedro Antunes eu fui ser assessora de Recursos Humanos; e o professor Cícero eu fui ser diretora do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Foi uma vivência muito boa e que eu digo de coração que eu amo essa Universidade. As pró-reitorias por exemplo, elas só vieram surgir em 1991 com o PUCRECE. Em 1977... em 1987 com o PUCRECE já se falava nas pró-reitorias mas ela só foi mesmo oficialmente instaladas em 1979, oficialmente instalada em 1971; foi na época da criação do... das funções de confiança e as funções gratificadas que de 87 a 90 não houve reitorias foram então criadas, instaladas oficialmente, em 90, instaladas, porque criadas elas já estavam. Mas elas foram realmente oficializadas no sistema de pessoal.

Para esses cargos de direção da Universidade também nós tivemos três momentos de alteração, que foi em 1976 com a Lei 5.545, que houve a implantação do plano de carreira, de todo mundo. Esse 1976 foi o ano em que realmente a Universidade consolidou na área de pessoal e na área de estruturação foi em 1976 que era o professor Geraldo Sebastião Tavares Cardoso, que cada reitor tinha realmente um perfil de trabalho né? Uns mais ligados a área administrativa, outros mais ligados a área de política, outros mais ligados a área acadêmica, mas todos eles tinham esse tripê muito bem integrado. Então eles trabalhavam sempre nesse sentido. Nunca deixaram... eram todos professores da Universidade né? Então em 1976 houve a primeira implantação dos cargos de direção das IFES (**não entendi**) pela Lei 5.545. nesse época todos os professores, todos os funcionários tiveram que se submeter a um processo seletivo mandado pelo DASP pra poder ser todo mundo enquadrado no novo plano, porque eles estavam formando o sistema de pessoal civil. Em 1987 veio a Lei 7.596, que foi a Lei do PUCRECE com a portaria do Ministro 474, da famosa portaria 474. Ele deu toda autonomia a Universidade, só deu só o esqueleto, vamos dizer, a estrutura de como seria a composição dos cargos de direção em nível hierárquico e aí a Universidade teve a liberdade de organizar dando inclusive gratificações pro chefe de departamento que até então não tinha. Em 1991 veio a nova Lei 8.168, mudando também a estruturação da carreira. A carreira do magistério vem até hoje sofrendo alterações, com legislações encaminhadas, definidas pelo sistema de pessoal civil. Mas hoje a gente já sente maior participação nessas mudanças, porque além dos... as associações, antes as associações, ADUF, AZUF, hoje transformadas em sindicato; então há mais participação da comunidade universitária. O próprio campus universitário iniciado em 1968, com a reforma universitária, que foi quem preconizou e quem usou a primeira palavra de "campus universitário", foi um dos decretos da Lei 5.540; lá mesmo já se sentia muita participação da comunidade universitária nos projetos da implantação do campus universitário. Mas o campus universitário só ... vamos dizer... se solidificou mais depois que houve aquele acordo MEC (**não entendi**) para que... o MEC (**não entendi**) foi desde 68, mas a Universidade mesmo só entrou... na Universidade o MEC... em 1974 quando... na saída do Jorge Manoel, com o Jorge Manoel, entrando o professor Geraldo. Então coube ao professor Geraldo todo esse trabalho de implantação do campus, que ainda deixou para o professor Rogério, e, ainda hoje, ainda existe muita coisa sendo feita nos nossos campus universitário. Muito mesmo.

Mas então, o que a gente percebe que há uma consolidação mas há uma evolução permanente, da área física, da área.. do contingente de aluno que cresce a cada ano, do número de professores para atender esse contingente e pra atender também suas atividades básicas de ensino em pesquisa e extensão. A extensão por exemplo, ela anteriormente, a extensão não era tão difundida, havia ações com a comunidade, haviam atividades com a comunidade; mas ela só foi estruturada mesmo algum tempo, bem mais tarde depois, porque a própria Lei 5.540 ela não ... ela considerava a extensão, o trabalho com a comunidade como um trabalho de ensino, então focalizava em cima de pesquisa mas não focalizava a extensão. Hoje a extensão já é um tripê de atividade da Universidade. É ensino, pesquisa e extensão.

Então eu acho que apesar dessas carências, porque as carências das dificuldades políticas, dificuldades financeiras; a nossa Universidade cresceu. Cresceu muito, e tem ainda as suas carências hoje, muitas carências e vamos ter, se não ... a gente perde o elam da batalha. Ela tem que continuar trabalhando pra crescer cada vez mais. Mas está consolidada e atendendo as suas finalidades, de ensino, pesquisa e extensão. Ela atende. Eu só tenho uma ressalva, é na questão da pesquisa, eu não ... apesar de ter trabalhado muito na área administrativa, eu acho que a Universidade ainda não deu aos nossos pesquisadores, aquele suporte ou aquele estímulo que eles precisam para desenvolver a sua pesquisa. Enquanto a gente vê muita Universidade por aí apresentando pesquisas assim... nós temos gente de alto valor científico que pode também produzir muito pala Universidade, mas as vezes até se descamba pra outras

áreas que proporcionam mais condição né? Vamos ver se agora com parcerias né? Que a Universidade possa dar aos pesquisadores e fortalecer a pesquisa da Universidade. Eu acho isso. A extensão, o trabalho com a comunidade tem sido maravilhoso, eu acho né? O ensino, a questão do currículo, essas coisas, já foi modificado, todos os departamentos, todas as coordenações de curso buscam sempre melhorar a parte do ensino. Agora a parte da pesquisa eu sinto não sei se é porque também eu não estou no meio dos pesquisadores, não sou uma das pesquisadoras, eu nunca fui pesquisadora apenas trabalhei muito na área administrativa. Mas eu acho que os nossos pesquisadores precisam de um incentivo, de um estímulo, isso é que ... meu... meu... meu pensamento, meu ponto de vista neste sentido.

Essa é a nossa contribuição aqui para o projeto memória.